



ATELIER CECÍLIO DE SOUSA

PRÉMIO NUNO TEOTÓNIO PEREIRA 2019

autor: Aires Mateus localização: Lisboa, Portugal área terreno: 388 m² área de construção: 994 m² datas de projecto: 2007-2010 datas de construção: 2011-2017

O edifício insere-se num tecido urbano consolidado, onde predominam edifícios de altura variável com dois, três, quatro ou cinco pisos. A área total de construção é de 994m², e está inserido num lote com cerca de 388m², com um logradouro que se desenvolve em soalcos. É classificado e a sua categoria de protecção é de IPP, Imóvel de Interesse Público. Trata-se de um edifício de 1779, na altura uma construção com dois pisos (andar e água furtada), ao qual terão sido acrescentados o segundo e o terceiro andares cerca de 1792-1796.

O grande objectivo da intervenção foi a conservação, reabilitação dos elementos originais e a consequente demolição dos elementos estranhos, com intuito de repor o património de origem e conservar a maior qualidade do seu valor histórico e de elementos originais. As áreas de maior intervenção foram a cobertura, por esta apresentar elevado estado de degradação e comprometer a conservação dos restantes pisos, e a demolição de construções abarracadas existentes no logradouro, procurando-se clarificar o espaço existente e possibilitar a sua utilização presente, esvaziando-o das estruturas precárias. Na área equivalente à das construções a demolir construiu-se um espelho de água. O programa proposto constituiu-se por estacionamento e arrumos/zonas técnicas no piso 0. Nos pisos 1, 2, 3 e 4 o edifício funciona como escritório.

Em toda a intervenção procura-se a manutenção da integridade do edifício existente, bem como das suas características espaciais, construtivas e formais. Assim, manteve-se a constituição original dos alçados nas fachadas conservando vãos, cantarias, revestimentos, frisos, portadas, gradeamentos, cornijas, balaustradas e todos os elementos que as compõem. Na fachada poente apenas se alterou a porta central de forma a possibilitar a entrada de automóveis, o seu desenho e guarnições mantiveram-se iguais aos existentes. Na fachada nascente, libertaram-se alguns vãos e restituiu-se à fachada a sua aparência original, comprometida actualmente pela existência de anexos.

O edifício apresentava vários estados de conservação, os pisos 0, 1 e 2 estavam em boas condições para a reabilitação, mas a cobertura encontrava-se com infiltrações e tectos aludidos razão pela qual se sofreu uma intervenção de fundo. O pavimento do terceiro piso encontrava-se numa situação precária com a deformação da laje que poderia vir a comprometer a preservação das pinturas do salão nobre do 2º andar, razão pela qual se fizeram algumas demolições pontuais de paredes divisorias e vãos sem valor arquitectónico que tinham sido construídos posteriormente. Nos pisos de baixo a degradação era mais superficial verificando-se a ausência de tintas, manchas de humidade, fendilhões dispersas e alguns madeiramentos podres.

O edifício caracteriza-se construtivamente por sistema corrente de paredes portantes em alvenaria de pedra que suportam estruturas reticuladas em construção leve de madeira, com paredes interiores em tabique. As suas lajes são de esteira, com pavimentos em soalho de madeira maciça e com tectos revestidos a estuque. Os vãos exteriores apresentam cantarias em pedra lioz bujardada, e a caixilharia original é em madeira maciça pintada, assim como os vãos interiores.

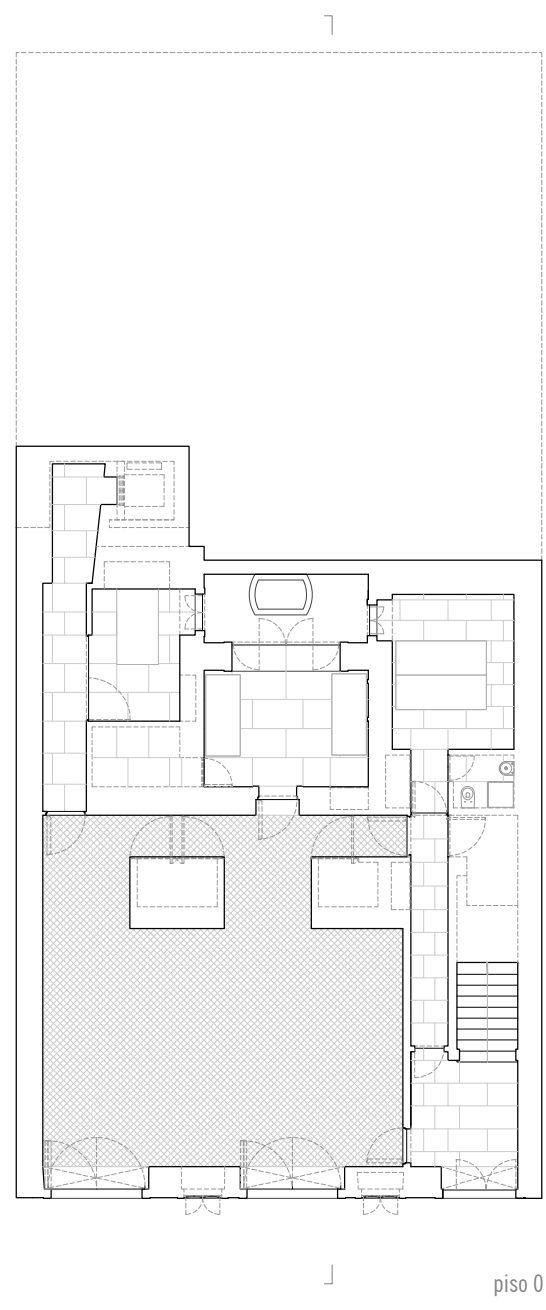
Originalmente, a cobertura era revestida a telha de canudo/portuguesa e as trapeiras tinham cobertura curva e eram forradas a zinco. Mais tarde, as trapeiras começaram por ser alteradas para cobertura em telha "Marsalho" e posteriormente toda a cobertura foi também alterada para a mesma telha. Dado o seu mau estado de conservação, a intervenção fez-se através da substituição da cobertura existente por uma estrutura ligeira com o intuito de sanar qualquer problema existente e assegurar a conservação de todos os pisos. Como método construtivo optou-se pelo acabamento de zinco, integrando-se assim na lógica de intervenção em edifícios recuperados nesta zona da cidade. Manteve-se a altura da actual cumeeira, introduzindo-se novas trapeiras em ambas as fachadas, cujas alinham com os vãos dos pisos anteriores assegurando um desenho de continuidade e perfeitamente integrado no desenho do edifício.

No que respeita às acessibilidades, o acesso aos vários pisos continuará a estabelecer-se através da escadaria existente. A configuração da escada, não permite a colocação de um elevador porque por um lado é fisicamente impossível fazer a ligação dos espaços comuns do edifício através de elevador; por outro, isso obrigaria à destruição de parte do edifício. Contudo, a sua dimensão generosa permite colocar plataformas elevatórias, caso se verifique essa necessidade.

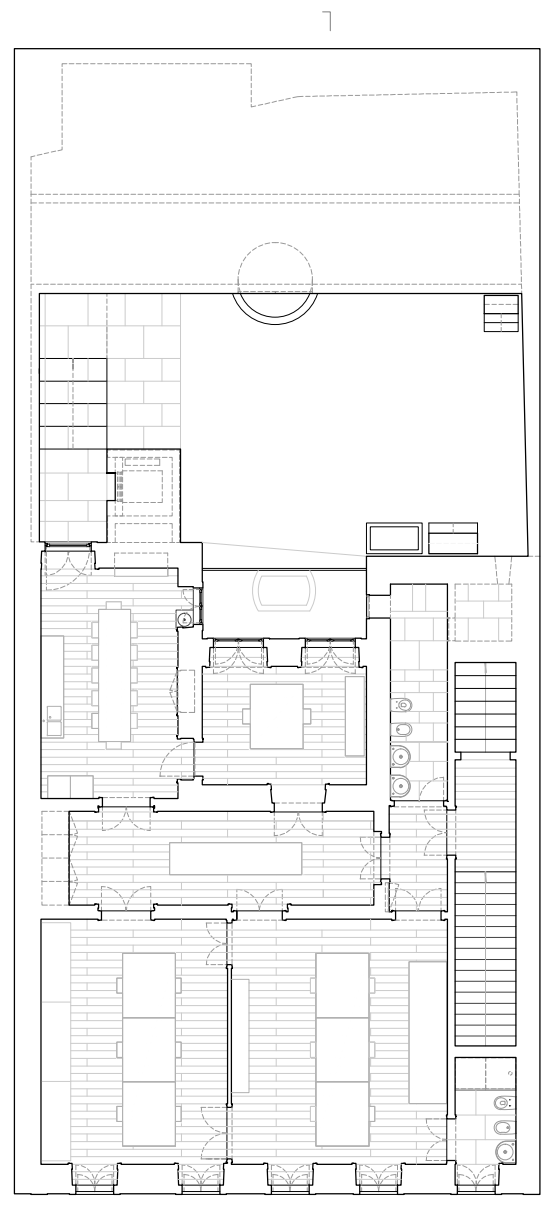
Os elementos decorativos foram objecto de restauro especializado, consistindo estes em: azulejaria nos rodapés, lambris e painéis de padrão com cercaduras; estuques trabalhados nomeadamente em tectos; pinturas sobre estuque nas paredes e tectos.



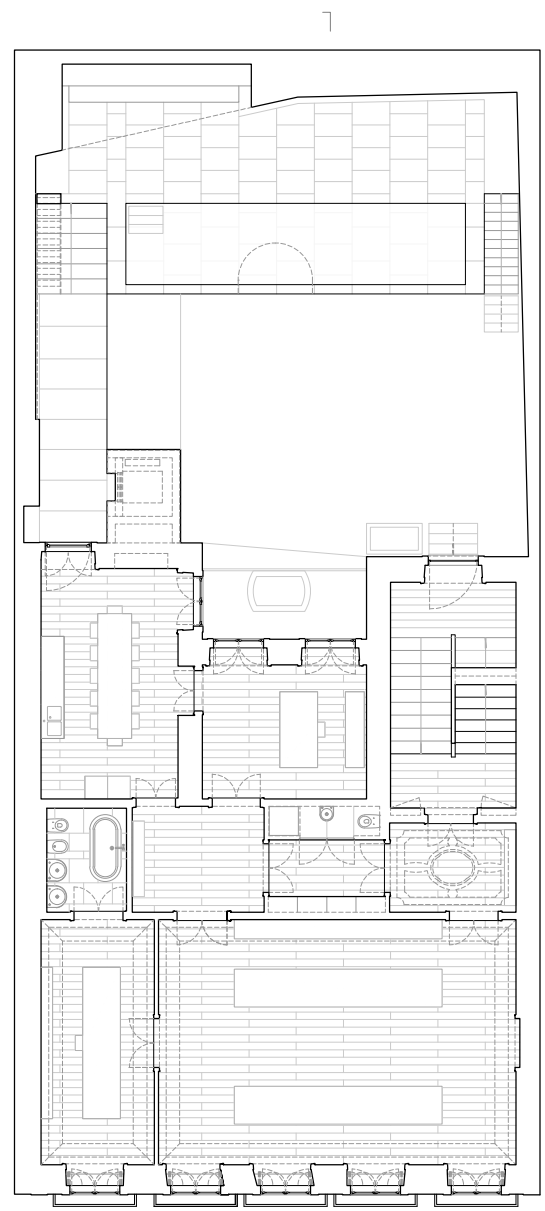
planta de implantação



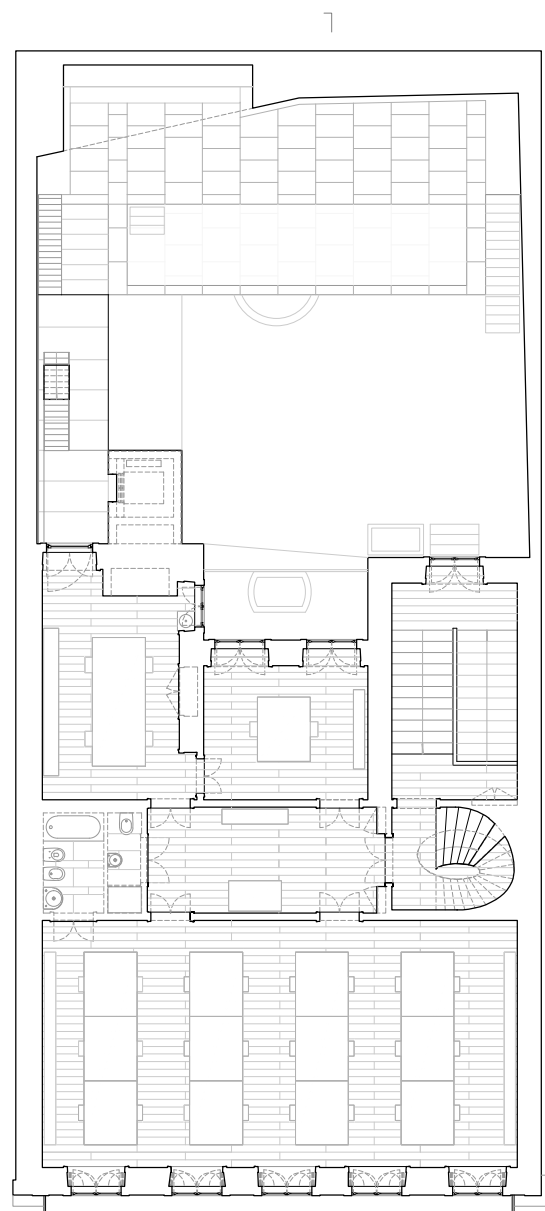
J piso 0



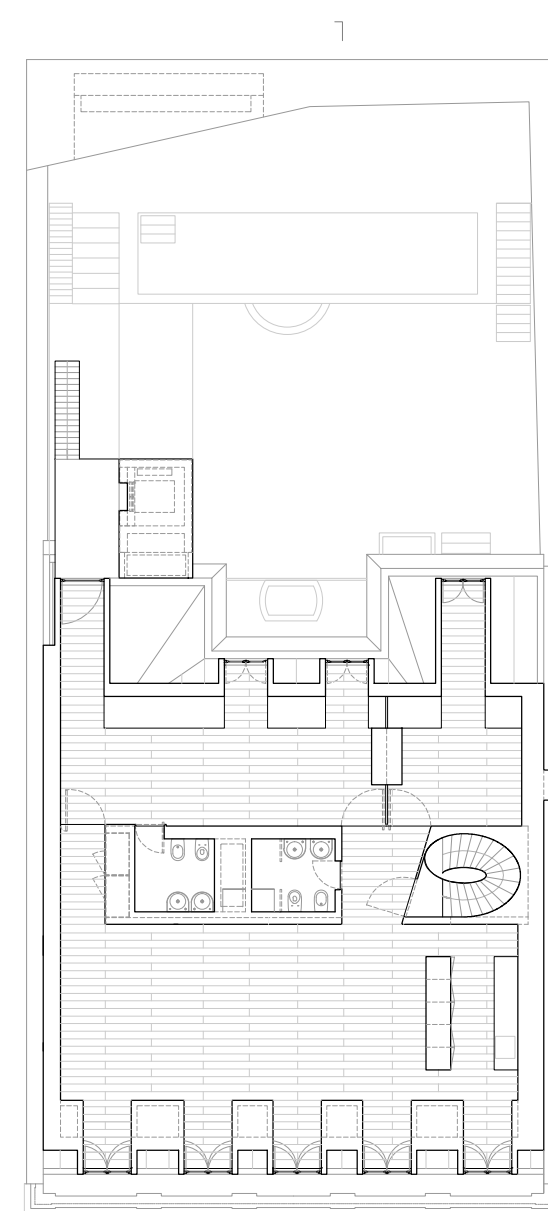
J piso 1



J piso 2



J piso 3



J piso 4



fachada principal



corte transversal

